

A Primeira Aparição de Nosso Senhor perante Pilatos

Nº 1644

Sermão pregado na manhã de domingo de 12 de Fevereiro de 1882

Por Charles Haddon Spurgeon,
No Tabernáculo Metropolitano, Newington.

“[Pilatos] tornou a ir ter com os judeus, e disse-lhes: Não acho nele crime algum.” João 18:38b

Se Deus nos permitir, gostaria de apresentar a vocês nos domingos de manhã a história completa dos sofrimentos de nosso Senhor. Começamos no domingo passado e fomos com Ele até a casa de Caifás, e foi um momento tristemente solene quando contemplamos o Príncipe da Paz na qualidade de prisioneiro, quando ouvimos Jesus ser acusado e injustamente condenado e quando O vimos ultrajado a tal ponto que serventes e homens vis cuspiam em Seu rosto e escarneciam dEle. Espero que vocês não estejam saturados desse assunto. Se assim for, seria culpa do pregador, pelo que esse tema é sempre inesgotável e fresco. Se a culpa não for do pregador, é algo relacionado com os ouvintes. Caso tenhamos crescido cansados da história da Cruz de Cristo, se trata de um triste indicativo de uma secreta doença da alma e será bom observar o sintoma e pedir ajuda ao Médico para a cura.

Para os santos que gozam de uma boa condição, não há lugar mais atrativo que o da paixão de nosso Senhor, onde Ele completou o glorioso trabalho de nossa redenção. Eles amam caminhar por essa Via Dolorosa que conduz desde o Getsêmani ao Gólgota – vamos seguir seus passos! Quando eu paro e contemplo meu Senhor, como a sarça no Horebe, queimando, porém não consumido, eu ouço uma Voz me dizendo: “O lugar que você pisa é santo”. Nada é mais santo que a Pessoa de nosso Divino Mestre! É muito bom, portanto, estar com Ele. A angústia que Ele experimentou quando se entregou como sacrifício por nós é santa e, por isso, também é bom estar com Ele em Seus sofrimentos. Suas aflições têm uma influência sumamente santificante sobre todos os que as consideram com amor.

Estou persuadido de que se vivêssemos mais a atmosfera da Cruz, o pecado perderia seu poder e toda Graça floresceria. Quando chegamos bem perto de Jesus e temos comunhão com Ele em Seus sofrimentos, ligamos o

alarme contra o pecado que o matou e resolvemos nos vingar dele afastando-nos do pecado, lutando contra ele não importando se o vemos nos outros. A Cruz é esse santo implemento com que fazemos guerra com o pecado até ele ser completamente destruído. Bem-aventurados e santos, portanto, são os pensamentos que são gerados por nosso grandioso sacrifício. Não sendo só isso, mas a medicina que nos traz saúde é, em si mesma, uma alegria –

***“Doces são os momentos, ricos em bênçãos,
Que passo diante da Cruz
Recebendo vida, saúde e paz
Do moribundo Amigo do pecador”***

Aqui não há o barulho como o dos que se divertem com o vinho, não há gritos de quem triunfa, não há canto dos que festejam – mas aqui há uma grave e doce melodia de corações que encontraram descanso. Na Cruz encontramos um regozijo substancial, uma satisfação inimaginável, “a Paz de Deus, que excede todo entendimento”. Aqui está para vocês, inquietos, a cura para sua inquietação! Aqui você dirá: “Oh, Deus, meu coração está pronto, ele está disposto. Eu cantarei e louvarei a Ti”. Portanto, não darei nenhuma desculpa, já que nas semanas que estão por vir eu os conduzirei ao lugar de dragões onde o Senhor foi penosamente quebrantado, e os ajudarei a beber de Seu copo e a ser batizados com Seu Batismo. Que o Espírito de Deus venha e abra nossos olhos para lermos o sagrado coração dAquele cujas aflições são incomparáveis, as quais foram suportadas por amor a nós!

Vamos de imediato e com amorosa e humilde diligência à narração. Nosso Senhor foi condenado pelos principais sacerdotes por blasfêmia porque Ele declarou ser o Filho de Deus e por dizer que eles O veriam vindo das nuvens do Céu para ser seu Juiz. Rasgando suas vestimentas, o sumo sacerdote disse: *“De que mais testemunho necessitamos? pois nós mesmos o ouvimos da sua boca”*. Quando a luz do dia despontou, fizeram como se o tivessem condenado formalmente durante uma cerimônia matinal, sendo que já haviam condenado Jesus à noite, conduzindo-o a Pilatos.

De acordo com a tradição, Ele foi conduzido a Pilatos com uma corda em seu pescoço e com Suas mãos amarradas. E eu acredito piamente na tradição quando me lembro das palavras de Isaías – “como um cordeiro foi levado ao matadouro”. Era uma procissão extremamente triste que acontecia em Jerusalém um pouco depois das 6 horas da manhã. Os homens do Sinédrio, com toda sua pompa e seu poder, rodeavam essa

pobre Vítima, a qual eles estavam para entregar aos gentios com a única intenção Dele ser entregue à morte!

Quando chegaram à casa do governador romano, eles não quiseram passar pelas portas. Dizem que era um dos muitos magníficos palácios que Herodes, o Grande, construiu para si. A arquitetura era suntuosa, os pisos eram de mármore e todas as câmaras eram ricamente recobertas de ouro, mobiliadas com esplendor Oriental. Estes hipócritas escrupulosos não quiseram entrar no grandioso salão porque não queriam contaminar-se, de nenhuma maneira, por tocar em um gentio, pois já haviam começado a guardar a Páscoa. Portanto, eles aguardaram no pátio e Pilatos condescendeu em vir a eles e inteirar-se do assunto que os havia levado lá tão cedo.

O governador romano era orgulhoso, cruel e aborrecia os judeus. Porém ainda assim, conhecendo seu fanatismo e sua facilidade em causar alvoroço popular em tempos de Páscoa, ele ficou à porta de seu palácio, escutando suas necessidades. Em breve ele descobriria que lhe trouxeram um prisioneiro que era, evidentemente, um homem pobre, e enfraquecido em Sua aparência, sofredor e também cansado. Em torno dele havia uma dignidade misteriosa, combinada com uma singular gentileza e Pilatos, por essas e outras razões, ficou interessado Nele. Fixando seu olhar, primeiramente, no extraordinário Prisioneiro, voltou-se aos irados sacerdotes e perguntou: “*Que acusações trazem contra esse Homem?*”.

O único objetivo dos sacerdotes em trazer Jesus até Pilatos era condená-Lo à morte, pelo que quando Pilatos mandou que fossem e julgassem Jesus de acordo com as *suas* leis, eles disseram que certamente fariam isso, mas que o poder da morte e da vida os fora tirado e que nada, senão a morte dEle, os conteria. Eles estavam, nesse estágio, bastante ansiosos por obterem tal poder sobre os Romanos; o medo do povo ainda estava neles, e se podiam obter Sua morte de Pilatos, eles poderiam, mais tarde, protestar que simplesmente eles O tinham entregado ao governador e não sabiam que Jesus seria tratado com tanta brutalidade.

Eles ainda não haviam subornado a população para gritar “*Crucifica-O*” e queriam estar no lado seguro caso o povo se revoltasse por Sua causa. Humanamente falando, eles mesmos poderiam tê-Lo condenado à morte, já que Jesus estava inteiramente em seu poder e já que os sacerdotes esqueciam várias vezes das leis romanas, matando homens com fúria desenfreada, como fizeram a Estevão. Frequentemente tentaram fazer o mesmo a nosso Senhor, visto que não se preocupavam tanto com as leis romanas! Eles podiam ter acabado com a vida Dele nessa ocasião, mas

foram conduzidos por um misterioso impulso a colocar a responsabilidade sobre Pilatos.

Mais adiante, estavam dispostos a unir-se à volúvel população para dividir a culpa do sangue de Jesus, todavia neste ponto queriam veementemente lançar a culpa sobre outros. Durante seus festivais, se tomavam sangue inocente, sua hipocrisia os conduzia a desejar fazê-lo de acordo com as prescrições de suas leis e por mãos de terceiros. Para fazer isso, tinham que trazer uma acusação – pelo que nenhum romano condenaria um homem sem uma acusação ser feita.

Essa manhã, consideraremos as *duas acusações que eles trouxeram*, e depois disso, ouviremos o *veredicto de absolvição* que Pilatos pronunciou na linguagem do texto: “Não acho nele crime algum”.

I. A primeira acusação, que se vê no capítulo 18, versículo 30, era que Ele era UM MALFEITOR. “*Responderam, e disseram-lhe: Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos*”. Diziam que ele era um malfeitor, aquele que faz o que é mal – uma pessoa que levava uma vida tão maligna que não merecia viver. Sobre isso vemos, primeiro, que era uma nova acusação! Ela tinha acabado de sair de suas mentes, pelo que quando estava perante Caifás nada foi dito de nenhum mal que Jesus tinha feito, mas sim do mal que tinha falado. Eles o acusavam por ter dito isso e aquilo, mas não de ter *feito* algum mal. Tal acusação não havia surtido efeito e, logo, não se aventuravam em usá-la de novo, pois sabiam muito bem que Pilatos não ligava para o que o homem tinha *dito* – o que o importava era uma real infração da lei por meio de algum ato feito.

Os romanos eram um povo prático, tanto que quando Pilatos levou Jesus à câmara de audiência, perguntou “O que fizeste?” e não, “O que disseste ou pregaste?”. Ele perguntou: “O que *fizeste*?”. Por essa razão, os sacerdotes trouxeram sua nova e totalmente infunda acusação de que ele era um malfeitor, que poderia significar muito ou pouco, segundo como o ouvinte decidir interpretar – raramente a malícia depende de cargos. A acusação de que era um malfeitor brotou de sua inveja, e não de qualquer ação da vida perfeita de Jesus. É surpreendente como o ódio seja tão cego para atacar Sua perfeição! Independentemente de alguns considerarem nosso Senhor como um mestre, como professor, a franqueza exige que eles admirem Seu exemplo e outorguem a Ele o mais excelso tributo de honra.

Observe que os sacerdotes trouxeram uma acusação contra nosso Senhor *que não pretendiam sustentar*. Quão astutamente eles se esquivaram de fornecer provas! Não trouxeram nenhuma testemunha, e

seus maus perjuros foram esquecidos. Eles inclusive se esquivaram de dar acusações específicas, mas a acusação geral de que Jesus era um malfeitor era sustentada somente por sua reputação. “Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos”, que era como dizer: “Tens que dá-Lo por culpado, pois pelo contrário, não o diríamos. Aqui está nosso Sumo Sacerdote – poderia supor-se que este indivíduo, que é uma verdadeira jóia, traria uma acusação falsa? Nos também somos os principais sacerdotes e os escribas e os mestres de Israel – seria possível que pessoas de nossa posição e santidade trouxessem alguém inocente diante de ti para ser condenada?”.

Já escutei esse tipo de argumento ainda em nossos dias – espera-se que desistamos de nossa fé porque cientistas a condenam, e como são pessoas tão eminentes, temos que aceitar seus comentários sem mais demora! Eu confesso que não estou preparado para aceitar a infalibilidade deles mais do que a que vem de Roma! O governador de Roma não era para ser anulado pelos sacerdotes, nem nós devemos ser levados a fingir que somos homens do saber. “Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos”. Oh, que hipocrisia em sua fala! Tentaram até trazer uma testemunha, mas não encontraram ninguém. Eles contrataram falsas testemunhas, mas diferiram tanto em seus depoimentos, que tudo veio abaixo. Portanto, tentando virar o jogo, colocam seus nomes em apoio à denúncia, como se fosse o suficiente e a investigação não precisasse prosseguir. Parece que vejo o olhar de desprezo de Pilatos no momento em que pediu que os sacerdotes julgassem, se esse era seu estilo de justiça. Quanto a ele, deveria ouvir uma acusação ou pedir que se fossem e fizessem como quisessem a Jesus. Pilatos sabia que aqueles homens haviam trazido Jesus por inveja e ele odiava esses hipócritas ao momento de ouvir as infelizes sílabas pronunciadas por suas bocas!

Os judeus não poderiam sustentar sua acusação, e assim, foram espertos em não tentar o impossível. Eles talvez fossem audaciosos em corromper as palavras de Jesus, mas hesitaram antes de atacar Seus atos. Ante Sua terrível santidade, eles estavam, no momento, fora de si e não sabiam que calúnia inventar. Oh, Senhor, nos assombramos que um homem possa ter encontrado alguma falta em Ti, pelo que Tu és amável e não há em Ti nenhuma mancha para falsidade mostrar!

Porém quero chamar sua atenção para esse fato extraordinário, que apesar dessa acusação de ser um malfeitor tenha sido grave, falsa e infundada por nenhuma evidência, *ela nunca foi negada por nosso Senhor Jesus Cristo!* Era inútil negá-la diante dos sacerdotes. Ele já os havia desafiado para encontrar algum delito em Sua vida, dizendo: “*Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde os judeus sempre*

se ajuntam, e nada disse em oculto. Para que me perguntas a mim? Pergunta aos que ouviram o que é que lhes ensinei; eis que eles sabem o que eu lhes tenho dito. [Jo 18:20,21]”. Seu apelo foi infrutífero como é inútil que um cordeiro entre em uma discussão com um monte de lobos ávidos por devorá-lo. Entretanto deve ter tido alguma utilidade, alguém pensa, na Sua resposta a Pilatos, pois ele estava mui favoravelmente impressionado com seu Prisioneiro – e se o Salvador tivesse se dignado a dar um relato completo de Sua vida e demonstrar que ao invés de malfeitor, havia Ele andado para fazer o bem – Ele não teria escapado?

A resposta é essa: nosso Senhor veio à Terra com o propósito de ser o Substituto dos homens culpados e mesmo quando Ele foi chamado de malfeitor, embora isso não tenha sido verdade, pacientemente suportou Sua vergonha, como está escrito: *“E com os malfeitores foi contado.” [Mc 15:28; Is 53:12]*. Ele estava disposto a ficar no lugar dos transgressores e quando O colocaram lá, Ele não se mexeu para sair de lá. “como a ovelha muda (...), assim ele não abriu a sua boca [Is 53:7]”. Ele não dizia nada porque Nele não havia pecado, mas Ele havia tomado sobre Si nosso pecado! A pergunta que Pilatos fez – ‘O que você fez?’ – era uma pergunta que Jesus poderia ter graciosamente respondido: “O que eu fiz? Alimentei os pobres, sarei enfermos, levantei os caídos e ressuscitei os mortos. O que eu fiz? Vivi uma vida de abnegação, levando nada para Mim mesmo ou para Minha honra. Fui o justificador de Deus e o amigo do homem. O que eu fiz? Certamente nada pelo que pudessem Me condenar à morte, mas tudo para que me aceitassem como seu Líder e Salvador”. Nós não ouvimos uma só palavra disso. A justificação teria sido completa, mas não foi pronunciada. Ele poderia ter desconcertado seus inimigos, como anteriormente havia vencido aqueles que foram para pegá-lo, pelo que os homens voltaram dizendo: “Nunca um homem falou como Ele”. Ele podia ter se justificado diante do procurador romano e, saindo triunfante, teria podido escapar de seus dentes. Mas porque Ele quis estar em nosso lugar, ainda que homens pensavam coisas perversas contra Ele, Ele foi surdo e mudo, não abrindo Sua boca; Vamos adorá-lo e bendizê-lo por Sua graciosa condescendência, Sua inigualável Graça em tomar o nosso lugar!

Nosso Senhor, ao ser tido como transgressor por Pilatos, deveria morrer a morte destinada aos malfeitores pela lei Romana. Se os judeus condenaram Jesus à morte por blasfêmia, a pena teria sido o apedrejamento, porém em nenhuma das profecias que foram ditas anteriormente falou-se que Ele morreria por pedras. A pena destinada a Cristo era a *crucificação*. João diz no capítulo 18, versículo 32: *“Para que se cumprisse a palavra que Jesus tinha dito, significando de que morte havia de morrer”*. Qual foi essa profecia? Acaso não é a palavra expressada no capítulo 12, versículos 32 e

33 do mesmo livro, que diz: “*E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim. E dizia isto, significando de que morte havia de morrer.*”? Ser levantado da terra numa Cruz era uma morte que só poderia vir dos Romanos. Os judeus, como eu já falei antes, costumavam matar culpados por apedrejamento; portanto, Ele deveria ser condenado pelos romanos para que Suas palavras fossem cumpridas. Ele falou mais expressivamente sobre isso na passagem gravada por Mateus, no capítulo 20, versículos 17 ao 19, onde Ele declarou como morreria. “E, subindo Jesus a Jerusalém, chamou de parte os seus doze discípulos, e no caminho disse-lhes: Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e condená-lo-ão à morte. E o entregarão aos gentios para que dele escarneçam, e o açoitem e crucifiquem, e ao terceiro dia ressuscitará”. A fim de que a Palavra de nosso Senhor se cumprisse, nosso Bendito Mestre recusou argumentar qualquer coisa ante Pilatos, para a pergunta: “Que fizeste?”. Jesus permanece como transgressor para morrer a morte de um transgressor! Portanto, bendito seja Seu adorável nome para sempre por Sua voluntária aceitação do castigo por nossa causa!

Quando penso na palavra ‘malfeitor’ outra palavra salti diretamente aos meus lábios. Não o chamem de malfeitor, mas sim, BENFEITOR! Quão grande benfeitor é aquele que se permite chamar de malfeitor, para nos beneficiar! Somente pensem naquele que nesse momento se assenta no meio de anjos que O adoram e foi chamado de ‘malfeitor’; pensem que daquele cuja inextinguível provisão de bondade todos os santos na terra e nos céus são alimentados, foi chamado de malfeitor; que aquele que não pensou em fazer mal aos homens, mas que é totalmente amor, aquele cujas todas as palavras e pensamentos foram de bondade para com esta terra caída, Ele foi chamado de malfeitor! Oh, Terra, como pudeste suportar uma mentira tão grande contra a infinita bondade do Filho de Deus! E sem dúvida, seja sempre bendito Seu nome, pois Ele não lança a acusação contra nós, pelo que isso teria nos arruinado. Ele, mansamente, suporta o escândalo por nossos pecados.

Acaso isso não deveria adoçar cada título de reprovação que poderia nos poderia atacar? Pouco importa se nos chamem de nomes ruins! Se eles chamaram o Mestre de ‘malfeitor’, podem nos chamar de coisa pior? Buscaremos a honra ali onde nosso Capitão não encontrou nada, senão, vergonha? Por essa razão deixemos que nossa glória seja reprovação e vergonha por amor a Jesus!

II. Em segundo lugar, quando os sacerdotes e os escribas descobriram que não bastava somente chamar-Lhe de malfeitor, estes homens vis mudaram

sua tática e, de acordo com Lucas, o acusara mde se auto-proclamar REI. Disseram que Ele planejava sedição, que proibia pagamento de tributos a César e que se instituíra Rei. Essas eram três grandes mentiras, pois Jesus havia pregado a paz, e não a sedição; Seu exemplo era de submissão, não de rebelião; Seu espírito era de um servo, não o de um líder turbulento de um partido. Ele nunca havia dito para os homens não pagarem o tributo a César, pelo contrário, havia dito: “Dai a César o que é de César” e se submetia a toda ordenança das autoridades. Ele nunca havia se declarado rei no modo que eles pensavam; se tivesse feito isso, muitos dos que eram seus acusadores poderiam ter sido seus partidários.

A acusação contra Jesus de querer se levantar como um rei, no sentido que eles desejavam que Pilatos entendesse, era *completamente falsa*, pois quando a multidão foi alimentada, queriam levá-Lo e fazê-Lo rei, mas Ele se escondeu. E mais, estava longe de Jesus desejar ser um rei, quando alguém da multidão disse a Ele: “Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança”. Mas Ele lhe disse: “Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós?”. Ele pôs de lado qualquer chance de interferir nos poderes reinantes. Seus acusadores devem ter sabido que se Ele tivesse esse desejo, tinha o poder para poder sustentar suas exigências, como Ele disse a Pilatos que, se Ele fosse um rei de domínio mundano, Seus servos teriam lutado por Ele. Seus seguidores haviam sido valorosos, valentes e entusiasmados e, sem dúvida, teriam dado trabalho tanto para Judeus, como para Romanos se seu Líder tivesse se declarado um soberano.

Porém, nosso Líder mandou que Pedro guardasse sua espada e curou a ferida que Pedro havia provocado. A longo de Sua vida havia pregado o amor e a paz e um reino de justiça e paz. Jesus não era um rival de César, e eles sabiam disso. E, por favor, notem que esta acusação de que Cristo era *rei não provinha do poder governante*. Quando Pilatos perguntou a nosso Senhor: “És Tu o Rei dos judeus?”, nosso Senhor respondeu sabiamente: “Tu o dizes sobre mim”.

Pilatos, não achando absolutamente nada contra Ele e, na verdade, escarnecendo da ideia de que soubera algo acerca do povo judeu – a quem ele detestava – replicou arrogantemente: “Porventura sou eu judeu? A tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim”. Um grande ponto foi ganho quando Pilatos disse isso – ficou claro que a acusação era uma mera invenção, posto que o olho de águia do procurador romano não via a menor desculpa para a acusação. De maneira bem visível, era uma frívola acusação. Como poderia ser um perigo para César esse homem inofensivo e desamparado? O que os romanos tinham que temer desse solitário ser sofredor? Ele era manso e puro demais para criar uma guerra e

contenda contra o império de Tibério! Olhem para Ele e percebam o absurdo da situação!

Além disso, pareceria algo estranho que o povo judeu levasse diante do governador romano a seu próprio rei. Seria essa a maneira que os súditos tratam seu monarca? Se tivesse sido um líder de uma rebelião, não teria tido êxito com Seus compatriotas, pois os cabeças do povo estão buscando Sua morte. Não havia nenhuma oportunidade de perigo ou rebelião de nenhum tipo, que foi sumariamente abatida pelos próprios judeus. Se eles não estivessem tão enlouquecidos com sua raiva, eles mesmos teriam se retratado de uma posição tão absurda.

Porém, ainda quero que vocês notem muito cuidadosamente que nosso Senhor *nunca negou essa acusação da maneira que Ele entendia como verdadeira*. Primeiro Ele explicou o que quis dizer como sendo um Rei. Tendo explicado isso, confessou abertamente que era precisamente isso. Ele disse: “Meu Reino”, e Pilatos logo respondeu: “Você é um rei, então?”. Jesus respondeu: “Tu o dizes sobre mim”. Ele era, então, um rei verdadeiro e manifestou isso sem reservas. Nos é dito constantemente que o Reino de Cristo é *espiritual*, e essa fala é verdadeira. Mas quero que se cuidem para não façam Seu reino sumir como se ele fosse um sonho piedoso. Espiritual ou não, o Reino de Cristo na Terra é real e poderoso. Não é menos real, porém mais real por poder ser chamado, adequadamente, espiritual.

Jesus é, atualmente, um rei. Ele disse: “Eu sou Rei”. Alguns dizem que esse reino ainda não está estabelecido, pois é reservado para o fim dos tempos, porém declaro que Ele é o rei hoje e inclusive agora, Jeová o erigiu como rei sobre o santo monte de Sião. Eu bendigo a Deus porque nos transladou “*ao reino de Seu amado Filho*”. “*Tu és o Rei da Glória, oh Cristo*”. Quando digo: “*Que venha o Teu reino*”, não significa que ele vai começar a ser estabelecido na terra, mas que *continue* se estabelecendo em novos lugares, que se estenda e cresça, pois Jesus – nesse preciso momento – tem um reino sobre a Terra e aqueles que conhecem a verdade pertencem a Ele e O reconhecem como real testemunha por quem o Reino da Verdade foi fundado e é mantido.

Vocês se recordam do notável comentário que é atribuído a Napoleão Bonaparte em seus últimos anos em Santa Helena? “Eu fundei um reino pela força, e isso passou; porém Jesus fundou Seu império sobre o amor e, por isso, permanecerá para sempre”. Certamente, o que Napoleão falou é verdade: Jesus é, hoje, o Mestre de um incontável número de corações! O mundo não o conhece, porém ainda assim, Ele tem um reino no mundo que, antes que se passe muito tempo, destruirá todos os outros reinos! Corações

verdadeiros e leais se encontram entre os filhos dos homens e neles, Seu nome desperta entusiasmo, de tal maneira que estão preparados para viver e morrer por Ele. Nosso Senhor é o Rei! Ele tem o Seu Trono de Graça, tem Seu cetro de Verdade, Seus oficiais que, como Ele mesmo, dão testemunho da Verdade e Seus exércitos de guerreiros que lutam, não contra carne ou sangue e que não usam armas carnais, e que todavia saem vencendo. Nosso Senhor tem Seu palácio onde habita, Sua carruagem em que viaja, Seus tesouros – ainda que não sejam tesouros de ouro e prata – Seus decretos, que são Lei em Sua Igreja. Seu poder afeta o destino do mundo nesse momento presente, muito mais que os conselheiros das cinco grande potências: pela pregação da verdade, Seus servos modelam as eras e estabelecem e derrubam tronos da terra. Não há nenhum príncipe tão poderoso quanto Jesus, e não há império tão forte como o Reino dos Céus.

Nosso Senhor também disse que Seu reino não vem deste mundo, pelo que, entendo eu, é a tradução correta da passagem: “*O meu reino não é deste mundo*”. Não vem deste mundo! É um reino substancial, porém não brotou das mesmas fontes dos reinos do mundo, nem tão pouco, é apoiado, mantido ou incrementado pelo mesmo poder de que dependem os reinos do mundo.

O reino de Cristo não depende da força das armas: Ele deseja que seus seguidores não usem essas armas. O Reino de Cristo não depende, como geralmente os reinos terrenos dependem, da astúcia, da política e da duplicidade. Dizia-se que um embaixador era um cavaleiro que era enviado ao exterior para mentir para o bem do seu país, e temo que isso poderia descrever, com muita propriedade, alguns embaixadores. O que é a ciência da diplomacia, senão, a arte do engano? Quando os estadistas são inteiramente honestos e guiados por princípios geralmente são suspeitos – e um protesto se levanta em favor dos interesses do país, que estariam sendo sacrificados! Porém não há nenhuma diplomacia no governo de Cristo – tudo que se assemelha a uma política distorcida é do demônio, e não de Cristo. Ele veio para dar testemunho da verdade, e não é pela força nem por astúcia que Seu trono é estabelecido entre os filhos dos homens, portanto, não é desse mundo.

Ser um rei, na verdade, é muito pouco errado aos olhos de Jesus, já que esse era seu último propósito em Sua vinda à terra. Ele veio para salvar o homem, certo? Sim, mas Ele ainda diz: “Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade”, o que é uma outra maneira de dizer: “Para ser Rei”. Esse é Seu ultimato! Cristo é o Mestre para ser Rei; Cristo é um Modelo para ser Rei! Cristo é Salvador para ser Rei. Este é o grande propósito e objetivo que tem em Sua vida, Sua morte, em Sua

ressurreição e em Sua segunda vinda: estabelecer um reino entre os filhos dos homens para a Glória de Deus! Oh, que esse grandioso propósito de Sua missão seja promovido em nosso tempo e consumado rapidamente na idade do ouro, prometido há muito tempo!

O Mestre nos diz que a principal força e poder de Seu reino vêm da Verdade de Deus. Ele veio para ser Rei, porém onde está Seu cetro? É a Verdade! Onde está Sua espada? Ela sai de Sua boca: Ele dá testemunho da Verdade. Onde estão Seus soldados? São homens da verdade. Jesus Cristo conduz um grupo de homens de quem diz: “Vós sois minhas testemunhas”. Seu reino consiste em testemunhar a Verdade de Deus e quem são os que se convertem em Seus súditos? São aqueles que, ouvindo a Verdade, conhecem o alegre som e O aceitam e sentem Seu poder. Queridos ouvintes, cada um de nós deve fazer a pergunta: “Eu pertenço a esse Reino? Quero que esse homem reine sobre mim? Desejo desprender-me de tudo que não seja verdadeiro? Estou ansiando por deixar de lado tudo que é falso e perverso?”

“Será que quero cumprir as Leis de Deus, porque serem a Verdade? Eu desejo divulgar os princípios do amor e da bondade, porque são a Verdade? Estou disposto a aprender e, assim, tornar-me um discípulo do mais grandioso de todos os Mestres e, então, estarei disposto a dar testemunho do que tenho aprendido e, assim, difundir o império da Verdade?” Se sim, eu sou de Seu Reino. Eu sei que me dirijo a muitos que desejam, hoje, que Cristo e Sua Verdade triunfem e que se preocupam pouco com o que possa acontecer a eles. O Evangelho de Cristo há de ser divulgado e os princípios da justiça hão de prevalecer! E quanto a nós, se vivermos ou morrermos, será um assunto de pouca preocupação! Oh, Rei, vive para sempre e nós encontraremos nossa vida em Tua vida e glória promovendo a Tua Glória! Tal espírito é o da Verdade, podemos assegurar a nós mesmos que Jesus é nosso Rei.

Nosso Senhor, havendo explicado seu significado, confessou que era Rei. Isso é ao que Paulo se refere quando disse: “...Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho de boa confissão”. Ele não voltou atrás, dizendo: “Não sou Rei”. Pilatos podia tê-Lo liberado, então. Porém Jesus falou bravamente com relação a Seu bendito, misterioso e maravilhoso Reino e, por essa razão, não era possível que Ele fosse liberto. Isso, na verdade, foi Sua acusação escrita sobre Sua cruz: “ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS”. Pobre Pilatos, ele não entendeu a nosso Senhor, como tampouco, os homens desse mundo conseguiram entendê-Lo. Pilatos perguntou a Jesus: “O que é a Verdade?” e, sem esperar por uma resposta, saiu para ter com os judeus.

Ah, irmãos e irmãs, nunca neguemos que Jesus é o Rei – porém nós negaremos isso se não vivermos de acordo com Seus preceitos. Oh, vós que dizem ser de Cristo, entretanto não vivem de acordo com Suas Leis, praticamente negam que Cristo é o Rei! Eu temo os homens que dizem: “Nós cremos e, por essa razão, somos salvos” e, assim, não vivem em santidade, pois dividem os ofícios de nosso Senhor, defendendo Seu sacerdócio e negando Seu reino! Metade de Cristo não é Cristo - um Cristo que é sacerdote, mas nunca é um rei, não é o Cristo de Deus. Oh, irmãos, vivam como aqueles que sentem que cada palavra de Jesus é Lei e que devem fazer o que lhes é ordenado, do jeito que se ordena e porque Ele nos ordena – assim, todos irão saber que, para vocês, Jesus é Senhor e Deus.

III. Eu concluo percebendo A ABSOLVIÇÃO que Pilatos deu a nosso Senhor Jesus. Ele havia escutado a acusação de que Jesus era um malfeitor, pelo que o Prisioneiro não argumentou nada; ele ouviu a acusação de que Jesus dizia ser um rei, cargo que o prisioneiro havia explicado de maneira sumamente satisfatória. E agora Pilatos, saindo ao povo, disse: “Não acho nele crime algum”. Pilatos falou bem. Seu veredicto é o veredicto típico de todos que tenham *examinado* a Cristo. Alguns o examinaram com um olho hostil, mas na proporção em que eles foram íntegros na observação de Seus feitos, se surpreenderam por Sua vida e espírito. É algo muito raro ouvir que até o infiel fale mal do caráter de Jesus. De fato, alguns dos mais importantes cétricos se viram notavelmente impressionados com os ensinamentos do Senhor e sentiram certa admiração por Sua vida.

Não se pode ver na História nenhum caráter como o de Jesus, nem mesmo em alguma novela. Se alguém diz que os quatro Evangelhos são falsificações, que trate de escrever um quinto evangelho que seja como os outros quatro. Pois bem, não é possível acrescentar um incidente à vida de Cristo! Seus detalhes são únicos – nossa imaginação não consegue conceber um incidente fresco que possa ser agregado com segurança ao que tenha sido registrado. Todos os críticos clamariam: “Isso não é genuíno”. A vida de Jesus é um rolo de tela de ouro, de cuja arte não se tem a menor ideia. Seu caráter imaculado permanece só e único e todos os verdadeiros críticos se veem forçados a dizer que não encontram nenhum delito nEle.

Permitam-me acrescentar aqui esse veredicto de Pilatos é o veredicto de todos que tenham se associado alguma vez a Cristo. Um discípulo que andou com Jesus O traiu, porém não disse uma palavra. E mais, o último testemunho de Judas antes de se enforcar foi: “Pequei, traindo o sangue inocente”. Se houvesse alguma falta em Jesus, o traidor a teria detectado – sua inquieta consciência haveria se alegrado muito se tivesse encontrado ali

um sedativo – porém ele foi compelido a dizer: “Pequei, traindo o sangue inocente”. “Quem dentre vós Me convence de pecado?” é o desafio de Jesus, ao que não há resposta. Alguns de nós temos vivido com Cristo espiritualmente. No curso de Sua Providência, Ele aproximou a alguns de nós por meio da doença, ou pela morte de algum ente querido ou pela perda. Todos os salvos por nosso Senhor passaram pela disciplina de Sua casa, *“Porque o Senhor corrige o que ama, E açoita a qualquer que recebe por filho”*.

Agora, qual é o veredicto de todos os aqui presentes que conhecem a Jesus, nosso Rei? Da minha parte, não encontro nenhum delito nele. Ele é tudo que é amável. Ele é minha salvação e tudo que desejo. Vocês creem que de todos os cristãos que têm vivido esperando em Cristo, algum poderia dizer que Ele decepçiona Seu povo? Dentre tantos crentes que habitam com Ele, nenhum diria, na hora de sua morte, que Jesus não é o que Ele professava ser! Alguém diria “Ah, eu confiei em Cristo, mas Ele não me libertou; tudo é um engano”? Seguramente, das muitas pessoas que temos visto partir, teríamos encontrado um ou outro que teria falado isso e teriam acrescentado: “Ele é um enganador! Ele não pode salvar, não pode ajudar, não pode libertar”. Mas nunca nenhum crente moribundo, através das eras, falou tal maldade dEle! Todos disseram: “nós não encontramos falta alguma nEle”.

Olhem que esse será o veredicto de vocês. Se alguém rejeita a Cristo, estando em Seu tribunal para ser condenado porque não crê nEle, quando a embaraçosa palavra “Apatai-vos de mim, malditos” o conduz à sua porção eterna, você será, então, obrigado a dizer: “Eu não encontrei nEle falta alguma. Não houve nenhuma falha em Seu sangue – a falha estava na minha falta de fé! Não houve falha em Seu Espírito – a falha estava na minha vontade obstinada! Não houve nenhuma falha em Sua promessa – a falha estava na minha não-aceitação dEle! De modo algum houve falta nEle! Ele nunca me desdenhou. Ele nunca se recusou a ouvir minhas orações. Se meus domingos foram desperdiçados, não foi Sua culpa; se eu desafiei o Evangelho, não foi Sua culpa. Se pereci, meu sangue está à minha própria porta. Eu não encontro nEle delito algum!”. De todas as partes da Criação se alcançará uma testemunha em Sua perfeição. O céu, e a terra, e o inferno se unirão, todos eles, em um consenso: “nós não encontramos nEle delito algum”.

Vou despedí-los depois de dar-lhe as palavras práticas para que pensem nelas. A primeira é: cuidem-se de um religião externa, pois os homens que chamaram Jesus de malfeitor e falsamente O acusaram eram pessoas rigorosamente religiosas e não quiseram entrar no pátio de Pilatos por

medo de se contaminarem! Eles eram rigorosos em rituais, mas fracos na moral. Não há pessoas mais inveteradas contra os princípios do Evangelho que aquelas cuja religião consiste em formas e cerimônias, porém não têm seus corações transformados. Siga a Jesus espiritualmente! Siga Jesus de todo seu coração; Eu exorto vocês a rasgarem seus corações e não suas vestimentas, para que não haja hipocrisia.

A próxima coisa que os exorto, queridos amigos, e exorto a mim mesmo também, a evitar todo tipo de mundanismo como o de Pilatos. Pilatos tratou todo o assunto sem seriedade – ele é um romano orgulhoso e arrogante – odeia o povo que governa e, ainda que tenha uma consciência – e, a princípio, mostra certa delicadeza para com o prisioneiro - sua finalidade era conservar seu posto e sua fortuna. Para isso, sangue inocente deveria ser derramado. Ele tinha que agradar aos judeus, mesmo que tivesse que assassinar o Justo. Esse comportamento egoísta em que um homem converte seu ouro e a ele mesmo em seu deus, sempre trata a religião com desprezo. O homem se preocupa e pergunta de forma rude: “Que é a verdade?” Ele sabe o que dinheiro e poder são, mas o que é a *verdade*? É um sonho, uma estupidez para ele e ele despreza isso.

Há pessoas aqui entre nós agora, habilidosos homens que são servidores do tempo, com grandiosas noções de suas habilidades e que, para eles, Jesus e Seu Evangelho são assuntos para idosos, serventes e chamam esse grupo de Puritanas. Tais tópicos não são para cavalheiros intelectuais, com seus elevados e poderosos egos. “Que é a verdade?”, eles dizem. Estão inclinados mais favoravelmente à religião, ou seja, não a perseguem, porém a desprezam, o que em alguns aspectos é pior. Dizem: “Somos agnósticos! Não temos pontos de vista particular. Temos um grande coração e deixamos cada pessoa pensar do jeito que ela quiser, mas ainda assim não há nada em tudo isso – é tudo questão de opinião. Um homem diz que uma coisa é a verdade, vem outro e diz que outra coisa é verdade – como havemos de saber? O fato é que não há nada fixado como verdade absoluta”

“Para diferentes credos, deixe que seus fanáticos seguidores briguem. Não poderia estar mal quem vive uma vida reta.”

Essa é a conclusão desse grande homem sobre esse assunto e, sem dúvida, mostra que sua vida não é totalmente reta e, portanto, por sua própria evidência não tem muito gozo de sua preciosa rima. Penso vê-lo se virar com a pergunta “Que é a verdade?”. Que essa seja uma advertência para vocês! Não fiquem tão perto de tal arrogante frivolidade. Sempre serás suficientemente nécio para julgar francamente. Esteja pouco certo de sua

infalibilidade que, ao menos, ouça as razões, e inquiria se as coisas são mesmo assim. Ai, eu temo que por meio da altivez mundana muitos ouçam sobre eles o que foi dito de Pilatos – “padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos”. Oh, quantas vezes Jesus padeceu sob o poder de pessoas como Pilatos?!

Por último, que possamos ser submissos ao nosso Rei, Jesus! Desfalecido, despido, magro e quebrantado, com Seu rosto mais desfigurado que de qualquer outro homem, ainda assim, devemos nos prostrar diante dEle e dizer: “Salve, Rei dos Judeus. Tu és nosso Rei para sempre e sempre!”. Se estivermos dispostos a reconhecê-lo como nosso Rei em Sua vergonha e humilhação, Ele prontamente nos honrará quando vier a Glória do Deus Pai, acompanhado de todos os Seus anjos. Então será visto que Ele nos fez, os que os seguem, para sermos reis e sacerdotes para Deus, e reinaremos com Ele pelos séculos dos séculos! Amém.

Porções da Escrituras lidas antes do sermão: João 18:28-40 e Salmo 2

FONTE:

Traduzido do espanhol *La Primera Comparecencia de Nuestro Señor ante Pilato*, tradução de Allan Román, com autorização e permissão deste para o português para o Projeto Spurgeon , de <http://www.spurgeon.com.mx/>
Todo direito de tradução protegido por lei internacional de domínio público
Sermão nº 1644—Volume 28 do *Metropolitan Tabernacle Pulpit*

Tradução: Isabela Carolina Cremonêz

Revisão: Armando Marcos